

## ANÁLISE DAS POESIAS DE TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

### MARÍLIA DE DIRCEU

#### Lira I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado;  
De tosco trato, d'expressões grosseiro,  
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.  
Tenho próprio casal, e nele assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,  
E mais as finas lãs, de que me visto.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,  
Dos anos inda não está cortado:  
Os pastores, que habitam este monte,  
Com tal destreza toco a sanfoninha,  
Que inveja até me tem o próprio Alceste:  
Ao som dela concerto a voz celeste;  
Nem canto letra, que não seja minha,  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,  
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,  
Depois que teu afeto me segura,  
Que queres do que tenho ser senhora.  
É bom, minha Marília, é bom ser dono  
De um rebanho, que cubra monte, e prado;  
Porém, gentil Pastora, o teu agrado  
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um trono.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,  
A quem a luz do Sol em vão se atreve:  
Papoula, ou rosa delicada, e fina,  
Te cobre as faces, que são cor de neve.

Os teus cabelos são uns fios d'ouro;  
Teu lindo corpo bálsamos vapora.  
Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora,  
Para glória de Amor igual tesouro.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

## ANÁLISE

As estrofes são constituídas de dez versos, sendo as oito iniciais decassílabos e os dois últimos refrãos hexassílabos, isto é, com seis sílabas métricas. As rimas são alternadas e opostas (ABABCDDC). Esta é uma poesia em que o eu-lírico enfatiza o sentimento amoroso e que tal sentimento é associado à imagem de Marília à de uma estrela. Com isso o poeta tenta passar com muita clareza e equilíbrio sua poesia, colocando como "pano de fundo", a natureza e o sentimento bucólico.

Na primeira estrofe, o eu-lírico se coloca como pastor e ao mesmo tempo deixa claro que não pode ser confundido com qualquer vaqueiro, "Que viva de guardar alheio gado; / de toscos trado, de expressões grosseiras..." e o eu-lírico afirma ser um pastor vaidoso e que dar muita importância para os bens materiais "tenho próprio casal..." e que pode muito bem se sustentar "...vinho, legume, fruta, azeite...". Assim é um pastor abastado "bem de vida" e não um simples vaqueiro que cuida de gado alheio, afirmando ter seu próprio rebanho e que por isso merece o amor de Marília. Dessa forma encontra-se a presença do bucolismo, ressaltando a natureza.

Na segunda estrofe o eu-lírico exalta a sua superioridade e ainda admira o seu semblante por ser mais velho que Marília, e então é notada nessa estrofe a presença de elementos arcádicos como, pastores, cajado, fonte e outros. Já na terceira estrofe o eu-lírico pede Marília em casamento, pois tem como sustentá-la, destacando que seus bens materiais são muito importantes, mas não tanto quanto o seu amor por ela, é notável um pouco de romantismo no verso "Porém, gentil Pastora, o teu agrado / vale mais que um rebanho e mais que um trono".

E na última estrofe é dedicada a Marília, palavras que só a valoriza, que seduzem uma mulher, assim o eu-lírico vai utilizando um excesso de metáforas, comparando-a com a "luz divina", "papoila ou rosa delicada", "fios de ouro" e "lindo corpo que vapora bálsamo".

## LIRA II

Pintam, Marília, os poetas  
A um menino vendado,  
Com uma aljava de setas,  
Arco empunhado na mão;  
Ligeiras asas nos ombros,  
O tenro corpo despido,  
E de Amor, ou de Cupido  
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,  
Que assim seja Amor; pois ele  
Nem é moço, nem é cego,  
Nem setas, nem asas tem.  
Ora pois, eu vou formar-lhe  
Um retrato mais perfeito,  
Que ele já feriu meu peito;  
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabelos,  
Que sobre as costas ondeiam,  
São que os de Apolo mais belos;  
Mas de loura cor não são.  
Têm a cor da negra noite;  
E com o branco do rosto  
Fazem, Marília, um composto  
Da mais formosa união.

Tem redonda, e lisa testa,  
Arqueadas sobrancelhas;  
A voz meiga, a vista honesta,  
E seus olhos são uns sóis.  
Aqui vence Amor ao Céu,  
Que no dia luminoso  
O Céu tem um Sol formoso,  
E o travesso Amor tem dois.

## ANÁLISE

Esta segunda lira de Gonzaga, aborda o retrato de sua amada e o quadro dos primeiros encontros, compondo assim características pré-românticas, pois o poeta aproxima o Arcadismo e Romantismo, que estava "nascendo", dando um pouco de imaginação em sua lira.

Nota-se então, o amor que Dirceu sente por Marília, quando a encontra sente seu coração disparar, ou melhor, um "cupido" feriu-lhe. Assim Dirceu vai fazendo um retrato de sua amada, seja loira ou morena, comparando-a com as mulheres europeias "branco rosto", idealizando seja, com sua "lisa testa" ou com suas "arqueadas sobancelhas" e unindo todas esses detalhes se tinha a sua formosa mulher, que mesmo no céu cheio de estrelas se transforma em um belo sol, iluminando não só Marília, mas o amor que Dirceu sentia.

## LIRA V

Aqui um regato  
Corria sereno  
Por margens cobertas  
De flores, e feno:  
A esquerda se erguia  
Um bosque fechado,  
E o tempo apressado,  
Que nada respeita,  
Já tudo mudou.  
São estes os sítios?  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marília, tu chamas?  
Espera, que eu vou

Mas como discorro?  
Acaso podia  
Já tudo mudar-se  
No espaço de um dia?  
Existem as fontes,  
E os feixos copados;  
Dão flores os prados,  
E corre a cascata,  
Que nunca secou.  
São estes os sítios?

São estes; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marília, tu chamas?  
Espera, que eu vou.

## ANÁLISE

Nesta lira nota-se o convívio com a natureza, uma característica do arcadismo, um cenário que também fazia parte dos encontros amorosos de Dirceu, e que o mesmo lugar fica a ponto de se transformar em apenas, em campos de pastagens, no qual vivem os pastores e seus rebanhos, um lugar na verdade encantado e tranquilo, como exalta no verso "corria sereno / por margens cobertas / de flores e feno".

Por está ausente de Marília, Dirceu vê que tudo estar diferente na natureza, ou melhor, mudado, e que para ele não tem mais "graça" e só de olhar para o campo se entristece.

## LIRA XIV

Minha bela Marília, tudo passa;  
A sorte deste mundo é mal segura;  
Se vem depois dos males aventura,  
Vem depois dos prazeres a desgraça.  
Estão os mesmos deuses  
Sujeitos ao poder do ímpio fado:  
Apolo já fugiu do céu brilhante,  
Já foi pastor de gado.

A devorante mão da negra morte  
Acaba de roubar o bem que temos;  
Até na triste campa não podemos  
Zombar do braço da inconstante sortes:  
Qual fica no sepulcro.  
Que seus avós ergueram, descansados  
Qual no começo, e lhe arranca os frios ossos  
Ferro do torto arado.

Ah! Enquanto os destinos impiedosos  
Não voltam contra nós a face irada  
Façamos, assim, façamos, doce amada,  
Os nossos breves dias mais ditosos.  
Um coração que frouxo,

A grata posse de seu bem difere,  
A si, Marília, a si próprio rouba,  
E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,  
E façamos de feno um brando leitor;  
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,  
Gozemos do prazer de são amoros.  
Sobre as nossas cabeças,  
Sem que o possam deter, o tempo corre;  
E para nós o tempo que se passa  
Também, Marília, morre.

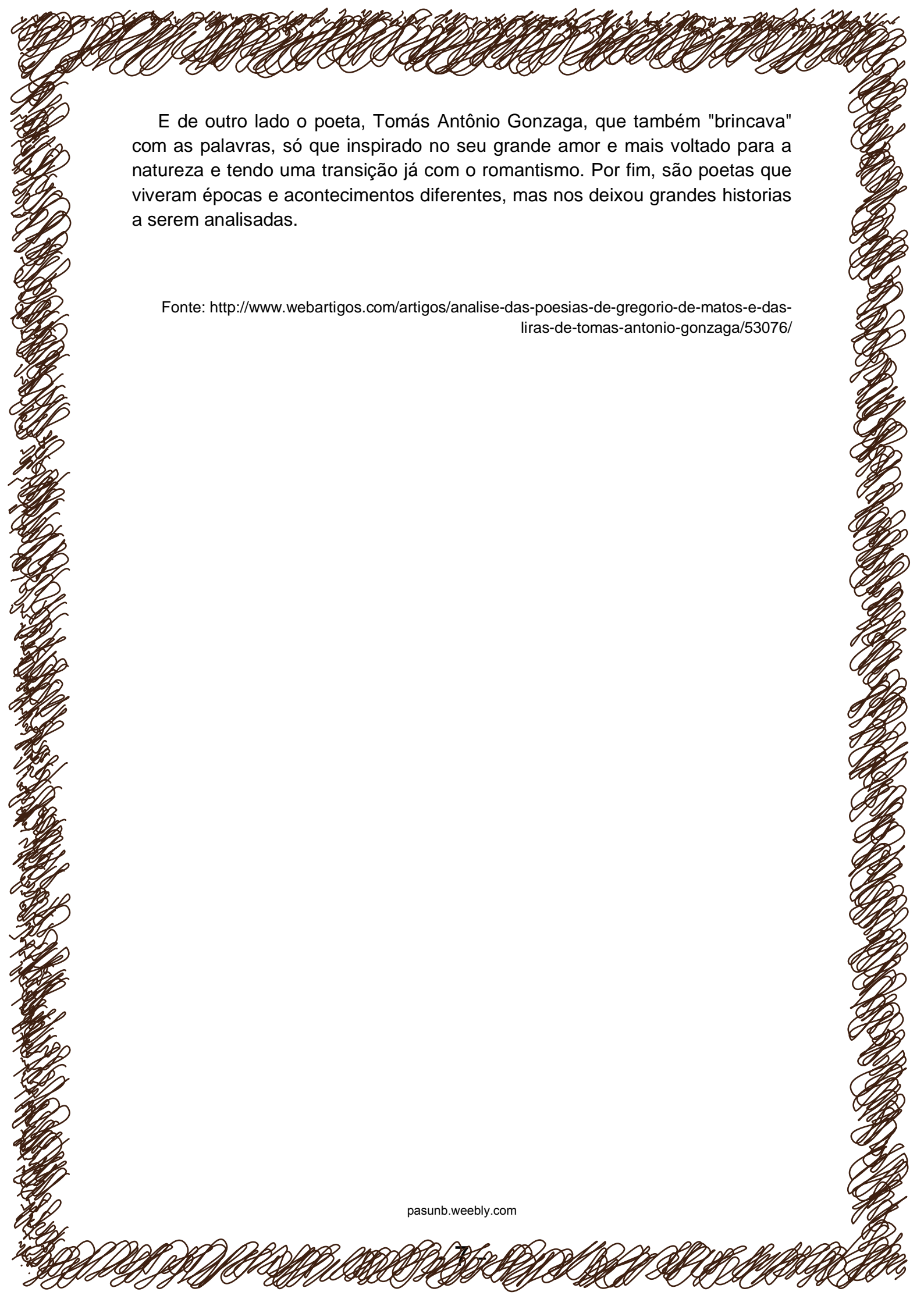
## ANÁLISE

Primeiramente, na poesia o poeta inicia-se falando da falta de sorte que muitas pessoas têm, mencionando até os deuses, pois estão sujeitos ao destino, "Estão os mesmos deuses sujeitos ao poder do ímpio Fado...". Assim a insegurança vai tomando conta de si que ressalta que a felicidade vem primeira e depois só a desgraça.

Na segunda estrofe o poeta aproxima o Arcadismo e Romantismo, quando é ressaltada toda a emoção vivida sobre a ilustração caracterizando uma morte trágica, no qual no romantismo se ouve muito falar, como, "negra morte", "triste campa", "sepulcro" ou "frios ossos". Já na terceira estrofe se tem a presença do carpe diem, aproveitar o momento presente e não deixar para o amanhã, "a grata posse de seu bem difere", ou seja, adiar o amor que sente por sua amada é mesmo está ferindo o seu coração sabendo que pode aproveitar o dia, as horas ou os minutos.

Assim como também é observado o carpe diem na quarta estrofe, sendo que é mais voltado agora para um cenário pastoril, em que Dirceu convida Marília a se enfeitarem de flores e juntos abraçando-se para justamente aproveitar o dia, pois, "...o tempo corre".

De uma forma geral, as poesias analisadas foram relevante para acumular mais conhecimento e principalmente buscar o "gosto" pela leitura que nos dias atuais é fundamental para o ser humano. E nada melhor de um lado, Gregório de Matos autor que denunciou, criticou, mais também caiu na tentação do amor, suas poesias sem dúvida alguma é de fazer "uma viagem no meio de tantas palavras" que expressavam a época em que viveu, sem pensar, falava o que vinha em mente, tal que ficou conhecido justamente como "boca do inferno".



E de outro lado o poeta, Tomás Antônio Gonzaga, que também "brincava" com as palavras, só que inspirado no seu grande amor e mais voltado para a natureza e tendo uma transição já com o romantismo. Por fim, são poetas que viveram épocas e acontecimentos diferentes, mas nos deixou grandes histórias a serem analisadas.

Fonte: <http://www.webartigos.com/artigos/analise-das-poesias-de-gregorio-de-matos-e-das-liras-de-tomas-antonio-gonzaga/53076/>